

# DEPOIMENTO SAUDADE PRESENTE

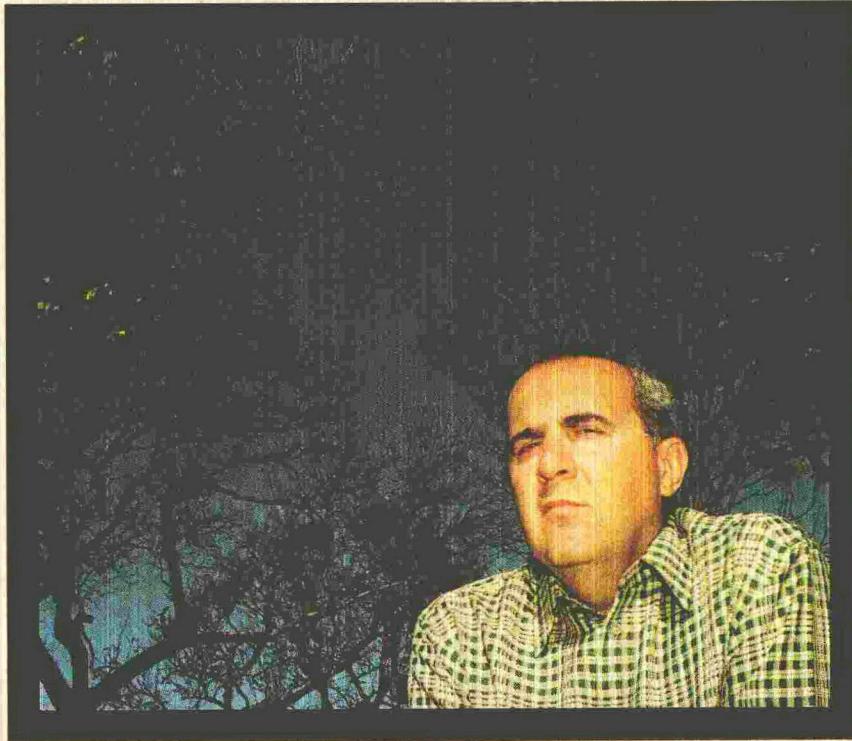
Rogério Menezes  
Da equipe do Correio

**B**rasília e eu já beirávamos os trinta, quando nos conhecemos: eram os idos de 1986, talvez agosto. Vim de São Paulo para cá passar uns dias. Buscava consolidar novo-e-louco amor que se configurava no meu amargurado coração. Depois de horas de exaustiva viagem de ônibus e de tentativas vãs de ocupar o mesmo edredon de alguém que habitava (e ainda habita) esta urbe, fracassei espetacularmente.

Meu mundo caiu. Voltei sozinho para São Paulo mais macambúzio do que nunca, coração destroçado, aos pedaços. Tão despedaçado que não agüentei voltar de ônibus. Peguei avião, cuja passagem paguei em doze (pouco) suaves e (muito) suadas prestações mensais. Ainda assim, este jeito-feliz-de-cidade que nada tinha a ver com as cidades que havia habitado até então me perseguiu por muitos e muitos anos. Perguntava aos meus botões de vez em quando: *– Como seria possível morar em lugar que parece ilustração daqueles livros didáticos de inglês dos tempos do ginásio, tipo Quick and Easy, em que tudo parecia nos devidos lugares, como numa cidade de brinquedo?*

Mas não foi exatamente para Brasília – visitada em duas outras oportunidades, já com o coração devidamente reconsti-

Ronaldo de Oliveira



tuído – que pensei em ir quando, onze anos depois, tudo começou a dar errado, a desandar, a sair do eixo, em São Paulo. Era 1997, e Deus, ou quem de direito, parecia ter deixado todos os raios de ira que guardava sob o divino sovaco se abaterem sobre esta modesta pessoa.

Sabe aquele momento em que tudo dá errado na vida da gente? Estava no olho desse furacão.

Pela minha cabeça enlouquecida passavam mil e uma possibilidades que, com o passar dos dias, se revelavam as mais absolutas das *des-possibilidades*. Tipo voltar a Salvador. Ou morar em Paris, que eu e meus botões achávamos, e continuarmos a achar, a mais linda cidade do mundo. Nada deu em nada. A Bahia parecia não me querer de volta. A França parecia muita areia pro meu caminhãozinho: viver do quê naquela caríssima metrópole, sem dinheiro no

banco e com precárias noções de língua francesa?

De repente, quando o patibulo parecia estar ao alcance da mão, fez-se a luz.

Os meus botões me perguntaram, assim meio de supetão: *– Por que não Brasília?*

Fiz-me de surdo: *– O quê?*

Berraram: *– POR QUE NÃO BRASÍLIA? ESTÁ SURDO?*

Respondi: *– Por que não. Se as coisas estão dando errado aqui e em Salvador, onde conheço tanta gente, por que dariam certo em cidade em que praticamente não conheço ninguém?*

Os meus botões, sábios como sempre, filosofaram: *– A idéia fixa é o mais capital dos pecados. Se São Paulo, Paris e Salvador parecem não querê-lo, por que não tentar outros caminhos? TENTE!*

Lembrei (por que não havia lembrado antes?) então que tinha amigo querido

nesta cidade – o jornalista Carlos Wilson Andrade Filho, hoje consultor de comunicação da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Desesperado, não perdi tempo. Alguns minutos depois, envia-lhe afliito e-mail. Nele chorava minhas (muitas) pitangas e declarava-me disposto a mudar-me para cá se algum convite houvesse.

Meus botões estavam cobertos de ração – e, por esse e por outros muitos motivos, ser-lhes-ei eternamente grato. Duas semanas depois, graças aos jornalistas Ana Castro, Paulo Pestana, Ricardo Noblat e, principalmente, Carlos Marcelo, assumi as funções de subeditor do *Correio Dois* e do suplemento literário *Pensar*, deste jornal.

Foi quando tudo começou a mudar.

Nunca fui tão bem-recebido num lugar, como fui aqui em Brasília – se soubesse, teria vindo antes: fosse por colegas jornalistas desta redação, fosse pelos brasilienses em geral, nas quebradas da cidade, madrugadas afora, copos de uísque-com-gelo-e-água-mineral nas mãos e recuperada-alegria-de-viver-e-de-dançar na cabeça.

Quatro anos e quatro meses em Brasília, a bordo de paixões fortuitas e/ou definitivas, encontros notáveis, comigo e com outrem, e muitas realizações profissionais valeram mais que vinte anos de análises, freudianas e não. Resultado: meu ego, murchíssimo, quiçá falecido, renasceu das cinzas, ressuscitou. Em 21 de abril de 2002, sou outro sujeito, modéstia às favas, muito melhor do que o outro. Bem melhor.

Nenhuma cidade havia feito isso comigo antes, dividiu-em dois: Rogério Menezes A.B. (antes de Brasília) e Rogério Menezes D.B. (depois de Brasília).

Não tenho saudade nenhuma do Rogério Menezes A.B.

Como se não bastasse 1: foi em Brasília que romance, ruminado (e abortado) durante anos em São Paulo conseguiu ser finalmente parido. O que era apenas um

(*Um Elefante na Ópera*, que odiava e que acabei jogando em lata de lixo localizada na porta do prédio onde morava em SP) virou três (*Três Elefantes na Ópera*, que gosto muito e que acabou sendo publicado pela Editora Record no ano passado).

Brasília me propiciou o milagre da multiplicação dos elefantes.

Como se não bastasse 2: foi em Brasília que consegui transformar o motivo de ter me tornado jornalista (escrever, escrever e escrever) em algo palpável, real, diuturno. Desde 2 de julho de 2000, não faço outra coisa na vida profissional a não ser escrever, escrever e escrever.

Ungido desde então ao cargo de cronista-da-cidade, posso eventualmente sofrer com faltas-de-assunto-sobre-o-qual-escrever, reações-iradas-de-leitores-que-não-gostam-dos-meus-hifens-e-de-otras-cositas-más e silêncios-sepulcrais de colegas de trabalho. Ainda assim, não tenho do que me queixar. Sou homem feliz: faço o que gosto.

Não que este homem com estes desejos de escrever não existisse antes. Existiu sempre. Mas foi Brasília que fez tudo isso desabrochar.

A escritora Vera Brant já havia me avisado quando aqui cheguei: Brasília, com a enorme amplidão que marca todos os seus espaços, obriga as pessoas a se revelarem. Tanto para o bem quanto para o mal.

Mas tenho percebido ultimamente: as pessoas desabrocham aqui, se revelam aqui, mas não ficam aqui. Um dia partem. Sempre foi assim. Talvez continue sendo assim.

É possível, pois, que este cronista-que-vos-fala um dia parta também. Mas até o final dos dias do meus dias, São Paulo e Salvador que me perdoem, a minha cidade inesquecível será Brasília, a cidade que, de fato, me pariu.

■ CRONISTA DO CORREIO, ROGÉRIO MENEZES É AUTOR DO ROMANCE *TRÊS ELEFANTES NA ÓPERA* (EDITORIA RECORD)